

APRENDER PARA ALÉM DA SALA DE AULA NA OBRA O MENINO DO DEDO VERDE, DE MAURICE DRUON

Gabriele Melos do Carmo¹; Thayná Tavares Pereira²; Luiz Eduardo Paulino da Silva³

¹Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, Amapá, Brasil, melosgabriele@gmail.com

²Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, Amapá, Brasil, thaynatvares167@gmail.com

³Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, Amapá, Brasil, paulino.jesus@unifap.br

Resumo

Este trabalho analisa a relação entre literatura infantojuvenil e aprendizagem, compreendendo o aprender como um processo que ultrapassa os limites da sala de aula e do ensino escolar formal. O objetivo consiste em analisar a obra O Menino do Dedo Verde, de Maurice Druon, a partir de uma perspectiva pedagógica, evidenciando como a literatura contribui para a compreensão de processos formativos construídos nas experiências, nas relações e na sensibilidade do sujeito. A discussão fundamenta-se em pressupostos teóricos de Freire (1996, 2017), ao compreender a aprendizagem como prática de liberdade e formação humana; de Vygotsky (1998), ao reconhecer o papel das interações sociais e culturais no desenvolvimento; de Brandão (2000) e Gadotti (2000), que concebem a educação como um fenômeno presente em múltiplos espaços da vida; e de Alves (2001), ao valorizar o saber sensível e a dimensão poética do aprender. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, baseada na análise da obra literária e no diálogo com produções teóricas discutidas no âmbito do Laboratório de Educação e Literatura (LABEL). Os resultados indicam que a narrativa literária evidencia formas de aprendizagem que se constroem para além da escola, reafirmando a literatura infantojuvenil como um potente dispositivo pedagógico para a reflexão crítica, ética e sensível sobre a formação da criança, especialmente no contexto da formação inicial de pedagogos.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Aprendizagem; Formação humana.

Introdução

A literatura tem se consolidado como uma temática recorrente de discussão no âmbito acadêmico, especialmente nos cursos de Letras e Estudos Literários, bem como em áreas afins, como Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Escrita Criativa e Editoração, além de cursos livres e oficinas.

No entanto, no campo da Pedagogia, o contato com a literatura ainda ocorre de forma tímida, embora esta possibilite ao pedagogo a compreensão de diferentes dimensões do processo educativo, favorecendo reflexões acerca da aprendizagem e da formação do sujeito. Ao adentrar o universo literário, o pedagogo amplia seu olhar sobre os desafios educacionais, assim como sobre as diversas formas pelas quais o sujeito constrói o conhecimento.

A partir da leitura da obra infantojuvenil *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, emergiu uma reflexão acerca da essência da aprendizagem, compreendida neste trabalho como um processo que não se limita aos espaços escolares ou ao ambiente da sala de aula. Embora a sala de aula e o convívio escolar sejam de grande relevância para o desenvolvimento da criança, a narrativa literária evidencia que o aprendizado também se constrói por meio das experiências vivenciadas, das relações estabelecidas e da maneira como o sujeito se posiciona diante do mundo.

A obra possibilita múltiplas leituras, tais como aquelas relacionadas à educação ambiental, ao desenvolvimento sustentável e à construção de um olhar atento e crítico sobre a realidade circundante. No entanto, este trabalho tem como objetivo analisar a obra literária *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, a partir da perspectiva de uma aprendizagem que vai além dos espaços escolares, evidenciando como a literatura contribui para a compreensão de processos formativos que ultrapassam o ensino restrito à sala de aula.

Diante das reflexões suscitadas pela obra *O Menino do Dedo Verde*, formula-se a seguinte problemática: a aprendizagem da criança ocorre exclusivamente no espaço da sala de aula ou ultrapassa os limites desse ambiente? Parte-se da compreensão da aprendizagem como um processo amplo, que envolve experiências, valores e sensibilidades construídos para além do contexto escolar.

A realização deste trabalho justifica-se pelas leituras, reflexões e discussões desenvolvidas ao longo dos três primeiros períodos do curso de Pedagogia, bem como pelo interesse em aprofundar o diálogo entre literatura e educação. Considera-se, ainda, que no curso de Pedagogia da UNIFAP, campus Binacional, não há uma disciplina específica voltada ao estudo da literatura infantojuvenil como componente acadêmico.

Contudo, faz-se necessário, por meio do diálogo teórico e literário, compreender como a literatura pode contribuir para reflexões acerca da educação e da aprendizagem. Dessa maneira, o estudo busca ampliar o olhar pedagógico sobre a formação da criança, tomando a literatura como um espaço de reflexão crítica e formativa.

Quanto à metodologia, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa bibliográfica. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se por sua relevância no campo das ciências humanas, uma vez que possibilita a compreensão dos fenômenos sociais a partir de uma perspectiva interpretativa, considerando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e contextos de vida, conforme discutem Denzin e Lincoln (2006).

A pesquisa bibliográfica consiste na análise de materiais já publicados, tais como livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses, que contribuem para a construção do referencial teórico do estudo. Segundo Gil (2009), todo trabalho científico, de alguma forma, apoia-se em fontes bibliográficas, uma vez que o conhecimento produzido dialoga com pesquisas e produções anteriores.

A investigação foi desenvolvida a partir da leitura e análise da obra *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, debatida no LABEL – Laboratório de Educação e Literatura, grupo de pesquisa vinculado ao curso de Pedagogia e cadastrado no CNPq. Foram realizados fichamentos e resumos, bem como o estudo de textos da literatura infantojuvenil que subsidiam a análise. Ademais, estabeleceu-se um diálogo com autores que refletem sobre educação, formação humana e aprendizagem, como Alves (2001), Brandão (2000), Denzin e Lincoln (2006), Freire (1996), Freire (2017), Gadotti (2000), Gil (2009), Vygotsky (1998), cujas contribuições teóricas auxiliam na compreensão de uma aprendizagem que ultrapassa os espaços escolares.

A obra *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, narra a história de Tistu, um menino sensível e curioso que não se adapta ao modelo tradicional de ensino escolar, sendo retirado da escola por não corresponder às expectativas da sala de aula. Apesar disso, ao descobrir que possui o dom de fazer plantas crescerem ao tocar a terra, Tistu passa a aprender por meio de suas experiências no mundo, transformando espaços e pessoas ao seu redor. A narrativa evidencia que sua aprendizagem ocorre principalmente fora da escola, a partir da observação, da sensibilidade e da vivência prática, revelando outras possibilidades de formação do sujeito.

Este trabalho, além da introdução, está estruturado em duas seções. Na primeira, discute-se a aprendizagem escolar da criança, a partir de seu interesse pelo ato de aprender. Na segunda seção, analisam-se as aprendizagens construídas para além do espaço da sala de aula, considerando os conhecimentos desenvolvidos fora do ambiente formal de ensino. Por fim, apresentam-se as conclusões, seguidas das referências bibliográficas que fundamentam o estudo.

A aprendizagem escolar e o interesse da criança

A aprendizagem escolar possui um papel fundamental no desenvolvimento infantil, pois é no espaço da escola que a criança inicia o contato sistematizado com os conhecimentos construídos historicamente pela sociedade. A escola representa não apenas um espaço físico,

mas, para a criança, configura-se como um lugar de grandes descobertas. É nesse ambiente que se desenvolvem as relações sociais, ampliam-se as interações com o outro e se fortalece a curiosidade natural, elemento essencial para o processo de aprender.

A vontade de aprender não está vinculada somente à obrigação escolar, mas ao desejo que a criança traz consigo de compreender o mundo que a cerca. Quando esse interesse é reconhecido e valorizado, a aprendizagem deixa de ser vista como uma imposição e passa a ser compreendida como uma experiência prazerosa, o que estimula ainda mais a busca por novos conhecimentos. Por outro lado, quando essa curiosidade é ignorada, o espaço escolar pode ser percebido como um ambiente desmotivador e distante das reais necessidades da infância.

Uma das principais características da infância é a curiosidade, aliada à imaginação e à busca constante por compreender o novo. Nesse período, a criança aprende por meio de perguntas, observações e da interação com o meio em que vive. Dessa forma, a escola deveria se constituir como um espaço em que essa curiosidade fosse fortalecida e estimulada. No entanto, historicamente, o ambiente escolar esteve associado a um modelo de ensino centrado na disciplina, na memorização e na transmissão de conteúdos. Esse modelo, muitas vezes, acaba desconsiderando o interesse e a individualidade de cada criança, o que pode gerar conflitos entre a vontade natural de aprender e práticas pedagógicas que pouco dialogam com a realidade e com as singularidades dos sujeitos.

Na obra *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, observa-se que Tistu demonstrava interesse em aprender e, por isso, é encaminhado à escola, como ocorre com as crianças de sua idade, sendo inserido no modelo de escolarização vigente em sua comunidade. Entretanto, ao iniciar sua experiência escolar, o menino não consegue se adaptar à dinâmica de ensino proposta.

Durante as aulas, ele adormece e não consegue acompanhar os conteúdos apresentados, passando a ser visto como um aluno desinteressado e incapaz de aprender. A narrativa permite compreender que Tistu desejava aprender aquilo que lhe era ensinado e buscava formas de se manter atento durante as aulas, o que evidencia sua disposição para a aprendizagem: “Não é que ele fosse burro ou preguiçoso, nem que estivesse cansado. Estava cheio da maior boa vontade...” (Druon, 1989, p. 15). Assim, compreende-se que a dificuldade de Tistu não está relacionada à falta de inteligência ou esforço, mas à inadequação do modelo escolar às suas necessidades, interesses e singularidades.

Diante de uma situação como essa, não se pode atribuir a dificuldade do aluno à ausência de capacidade intelectual. Tistu demonstrava interesse pela aprendizagem quando

estudava em casa, o que evidencia a necessidade de refletir sobre a metodologia utilizada no espaço escolar. Essa metodologia não dialogava com sua forma de aprender, tampouco considerava suas potencialidades e modos próprios de compreender o mundo.

Ao apresentar essa situação, a literatura provoca certo incômodo no leitor, especialmente no campo da Pedagogia, ao convidar à reflexão sobre as metodologias utilizadas em sala de aula. A narrativa conduz a um questionamento acerca de práticas pedagógicas que priorizam a transmissão de conteúdos em detrimento de uma escuta sensível e da valorização das diferenças entre os alunos. A experiência de Tistu leva à reflexão sobre quantas crianças são rotuladas como desatentas ou incapazes de aprender, quando, na realidade, estão inseridas em um cotidiano escolar que não reconhece suas especificidades nem suas potencialidades.

Freire (1996) critica a chamada educação bancária, na qual o aluno é concebido como um recipiente vazio a ser preenchido pelo professor. Nessa perspectiva, o estudante chega à escola sem saberes prévios, e o conhecimento é apenas depositado. A experiência de Tistu aproxima-se dessa lógica, pois ele é inserido em um modelo de ensino rígido que não considera sua criatividade, sua sensibilidade e sua forma particular de perceber o mundo. Para Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (Freire, 2016, p. 47). Quando a escola desconsidera esse princípio, o ato educativo tende a se tornar uma prática autoritária, silenciando a curiosidade e o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem.

Alves (2001) afirma que a aprendizagem não ocorre pela simples imposição de conteúdos, mas pelo despertar do desejo de aprender. Para o autor, só aprende verdadeiramente quem deseja aprender, pois o conhecimento que não desperta curiosidade ou encantamento dificilmente se transforma em uma experiência significativa. Essa concepção dialoga diretamente com a trajetória de Tistu, que, mesmo não conseguindo acompanhar a metodologia adotada em sala de aula, mantém vivo o desejo de aprender.

O personagem não rejeita o conhecimento; ao contrário, ele não se reconhece em um modelo de ensino que ignora sua sensibilidade e não desperta seu interesse. Assim, a obra literária evidencia que a aprendizagem não se produz pela obrigação, mas por uma mobilização interna do sujeito. Isso reforça a ideia de que o papel da escola e do professor é criar ambientes que estimulem o desejo, a imaginação e a curiosidade da criança, possibilitando que ela se torne protagonista de seu próprio processo de aprendizagem.

Brandão (2002) destaca que a educação ocorre em múltiplos espaços da vida social e não se restringe à instituição escolar. O ser humano aprende continuamente nas relações que

estabelece com os outros, com a cultura e com o ambiente em que vive. Embora a escola possua um papel estruturante na socialização do conhecimento, ela não detém exclusividade sobre os processos educativos. Ao observar a experiência de Tistu, percebe-se que suas dificuldades na escola não o impedem de aprender; ao contrário, levam-no a buscar outras formas de compreender o mundo, reafirmando que o conhecimento se constrói na vivência e na interação com a realidade.

Apesar das dificuldades enfrentadas no espaço escolar, Tistu não perde o interesse pelo conhecimento. Seu desejo de aprender manifesta-se de outras formas e em outros espaços, especialmente quando passa a explorar o mundo fora da escola. Nessas experiências, o aprendizado ganha novos sentidos, despertando capacidades de observação, reflexão e ação de maneira mais ampla. Isso demonstra que o interesse pela aprendizagem é uma disposição natural da criança, mas que pode ser potencializado ou bloqueado pelas práticas pedagógicas adotadas em sala de aula. Quando a criança encontra espaços que valorizam sua curiosidade, ela desenvolve habilidades que nem sempre emergem no contexto escolar tradicional.

Dessa maneira, a obra de Maurice Druon contribui para a compreensão de que a aprendizagem escolar deve estar vinculada à vida, à experiência e à curiosidade da criança. Quando a escola e o professor ignoram esses elementos, correm o risco de produzir desmotivação e distanciamento do desejo de aprender. Por outro lado, quando reconhecem o interesse da criança como ponto de partida para o processo educativo, criam condições para uma aprendizagem significativa, crítica e emancipadora. Nesse contexto, a literatura assume um papel fundamental como recurso de reflexão, pois humaniza os processos educacionais e amplia o olhar pedagógico sobre o desenvolvimento infantil.

Assim, a trajetória do personagem evidencia que o ato de aprender não se resume à assimilação de conteúdos em sala de aula ou à aplicação de métodos impostos pelo professor, mas envolve desejo, sentido e vínculo com o conhecimento. Quando a aprendizagem escolar se articula aos interesses e às experiências da criança, ela se torna um espaço de construção da autonomia e de uma consciência reflexiva.

Dessa forma, a análise literária, em diálogo com o pensamento pedagógico, reafirma a necessidade de práticas educativas que respeitem a infância como um período de descobertas, imaginação e produção ativa do conhecimento, preparando o caminho para a discussão, na próxima seção, das aprendizagens construídas para além da sala de aula.



As aprendizagens construídas para além do espaço da sala de aula

A obra *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, apresenta uma narrativa que rompe com a concepção tradicional de aprendizagem centrada exclusivamente no espaço escolar. Ao acompanhar a trajetória de Tistu, especialmente nos capítulos finais da obra, percebe-se que o processo educativo se constrói a partir das experiências vividas, das relações afetivas e das interações com o mundo social e natural.

A aprendizagem, nesse sentido, manifesta-se como um fenômeno contínuo, que se desenvolve para além da sala de aula, envolvendo dimensões éticas, emocionais, sociais e existenciais. Conforme Alves (2001), toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador, evidenciando que o desejo, o envolvimento e o sentido atribuído à experiência constituem elementos centrais do aprender.

Ao longo da narrativa, Druon evidencia que aprender não se restringe à aquisição de conhecimentos sistematizados, mas envolve a capacidade de sentir, refletir, agir e transformar a realidade. Tistu aprende observando o mundo, relacionando-se com as pessoas e reagindo sensivelmente às injustiças e aos sofrimentos que presencia. Essa concepção amplia o entendimento pedagógico de aprendizagem, aproximando-se de perspectivas que defendem a educação como uma prática social vivida em diferentes tempos e espaços, e não apenas no ambiente escolar formal.

No capítulo dezoito, a transformação da fábrica de canhões em uma fábrica de flores simboliza uma aprendizagem coletiva provocada pela ação sensível de uma criança. A decisão do Sr. Papai de renunciar à produção de armas e investir no cultivo de flores evidencia uma ruptura com ideias historicamente consolidadas, demonstrando que o aprendizado também pode ocorrer a partir da reflexão crítica sobre práticas sociais naturalizadas.

Nesse contexto, Tistu não aprende apenas para si, mas também ensina aos adultos, revelando que a criança é capaz de intervir no mundo e transformá-lo de maneira significativa. Tal perspectiva aproxima-se das concepções freirianas, segundo as quais o conhecimento se constrói na relação dialógica entre sujeitos, independentemente da idade ou da posição social.

A aprendizagem evidenciada nesse episódio está diretamente relacionada à ética, à paz e à responsabilidade social. Ao substituir instrumentos de guerra por flores, a narrativa convida o leitor a refletir sobre a função social das escolhas humanas e sobre a possibilidade

concreta de construção de uma sociedade mais justa, solidária e menos violenta. Trata-se de uma aprendizagem que não se ensina por meio de conteúdos escolares tradicionais, mas que se constrói na vivência, no exemplo e na reflexão crítica sobre as consequências das ações humanas. Para o campo da Pedagogia, essa passagem reforça a importância de compreender a educação como um processo que ultrapassa os muros da escola e se manifesta nas atitudes cotidianas, nas decisões políticas e nas práticas sociais.

No capítulo dezenove, a aprendizagem assume um caráter ainda mais profundo ao abordar a experiência do luto e da morte. A perda do jardineiro Bigode representa para Tistu um momento de ruptura, marcado pela dor, pela dúvida e pelo sofrimento. Diferentemente do aprendizado escolar, essa experiência não pode ser mediada por livros didáticos ou explicações formais. Trata-se de uma aprendizagem emocional e existencial, construída a partir da vivência direta do sofrimento e da tentativa de compreender a finitude da vida, tema frequentemente silenciado ou evitado no contexto escolar.

Ao tentar fazer florescer a sepultura de Bigode, Tistu demonstra a esperança de que a vida possa vencer a morte. Contudo, ao perceber que nem mesmo seu polegar verde é capaz de reverter esse acontecimento, o personagem compreende os limites da existência humana. Essa descoberta promove uma aprendizagem significativa, pois ensina que há aspectos da vida que não podem ser controlados ou transformados pela vontade humana.

Essa dimensão da aprendizagem, muitas vezes negligenciada nos currículos escolares, é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois contribui para a construção da empatia, da resiliência emocional, do respeito ao outro e da capacidade de lidar com perdas e frustrações.

A relação de Tistu com o pônei Ginástico também se destaca como um espaço de aprendizagem para além da sala de aula. Ginástico assume o papel de conselheiro e mediador das experiências vividas por Tistu, oferecendo explicações simples, porém profundas, sobre a vida, a morte e os sentimentos humanos.

Essa relação evidencia que a aprendizagem ocorre nas interações cotidianas, nos diálogos informais e nas relações afetivas, reafirmando a importância do vínculo no processo educativo, o que dialoga com Freire (1996), ao afirmar que ensinar exige escuta sensível e respeito aos saberes dos educandos.

Sob a perspectiva de Vygotsky (1998), a aprendizagem ocorre por meio da interação social, sendo o professor mediador do conhecimento, auxiliando o aluno a avançar para além do que conseguiria realizar sozinho, dentro de sua zona de desenvolvimento proximal. Ainda que Ginástico não seja um professor formal, ele exerce simbolicamente essa função

mediadora, contribuindo para que Tistu amplie sua compreensão sobre o mundo. Conforme apontam autores como Brandão, o aprendizado emerge das trocas simbólicas e culturais estabelecidas entre os sujeitos, e não apenas de práticas pedagógicas formais.

No capítulo vinte, a construção da escada de flores representa a culminância do processo formativo de Tistu. A escada simboliza a busca por respostas, o desejo de compreender o invisível e o transcendente. Ao subi-la, Tistu ultrapassa os limites do mundo material, evidenciando que sua aprendizagem está relacionada à sensibilidade, à imaginação e à espiritualidade. Essa passagem reforça a ideia de que a educação não se restringe à transmissão de conteúdos cognitivos, mas envolve também a formação de valores, crenças, sentidos e significados atribuídos à vida.

A revelação final de que “Tistu era um anjo” não deve ser interpretada apenas de forma literal, mas como um recurso simbólico que evidencia o caráter formativo de sua existência. Tistu representa a infância em sua potência máxima: capaz de transformar, questionar e ensinar por meio da sensibilidade, do cuidado e da empatia. Sua trajetória demonstra que a aprendizagem para além da sala de aula está diretamente relacionada à capacidade de observar o mundo com atenção, agir com responsabilidade social e questionar estruturas que produzem sofrimento e desigualdade.

Do ponto de vista pedagógico, a obra de Druon convida à reflexão sobre a necessidade de ampliar as concepções de aprendizagem adotadas na formação docente. Ao reconhecer que a criança aprende em diferentes espaços e contextos, o educador é desafiado a valorizar experiências que envolvem o contato com a natureza, as relações sociais, as emoções, as vivências culturais e os conflitos existenciais. Essa perspectiva dialoga com autores como Gadotti, ao defender uma educação integral, comprometida com a formação humana em suas múltiplas dimensões.

Além disso, a narrativa evidencia a importância da literatura infantojuvenil como instrumento pedagógico capaz de provocar reflexões profundas sobre a vida, a sociedade e o papel do sujeito no mundo. Ao trabalhar com obras literárias como *O Menino do Dedo Verde*, o pedagogo amplia as possibilidades de compreensão do desenvolvimento infantil, reconhecendo a literatura como um espaço de aprendizagem sensível, crítica e transformadora.

Assim, as aprendizagens construídas para além do espaço da sala de aula, conforme evidenciado na obra de Maurice Druon, revelam-se fundamentais para a formação integral da criança. A literatura, ao apresentar experiências simbólicas e humanas, contribui para o desenvolvimento de valores, atitudes e sensibilidades que não podem ser ensinados de forma

mecânica, mas que se constroem no encontro entre o sujeito, o outro e o mundo. Essa compreensão reforça a necessidade de integrar a literatura ao campo da Pedagogia, reconhecendo seu potencial formativo na construção de sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com a transformação social.

Nesse sentido, a obra de Maurice Druon contribui para o entendimento de que a aprendizagem se constrói a partir de múltiplas linguagens e experiências, muitas vezes invisibilizadas no contexto escolar. O silêncio, a observação, a imaginação e a sensibilidade presentes na trajetória de Tistu configuram-se como formas legítimas de aprender. Essas aprendizagens não seguem uma lógica linear ou mensurável, mas manifestam-se na maneira como o sujeito se relaciona com o mundo, com o outro e consigo mesmo, reforçando a ideia de que aprender é um processo profundamente humano.

A experiência de Tistu evidencia ainda que a aprendizagem para além da sala de aula está intrinsecamente ligada ao contato com a natureza. As flores que brotam por onde o menino passa simbolizam não apenas vida e beleza, mas também cuidado, respeito e responsabilidade ambiental. Essa relação sensível com o meio natural promove uma educação ambiental implícita, construída a partir da vivência e da ação, e não de discursos normativos.

Assim, a obra dialoga com perspectivas pedagógicas que defendem uma educação comprometida com a sustentabilidade e com a preservação da vida em todas as suas formas. Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão política da aprendizagem apresentada na narrativa. Ao transformar realidades marcadas pela violência, pela desigualdade e pela opressão, Tistu revela que aprender também implica posicionar-se criticamente diante do mundo.

Essa aprendizagem política não é ensinada por conteúdos formais, mas emerge da experiência, da indignação e da empatia diante do sofrimento alheio. Para a Pedagogia, tal abordagem reforça a importância de formar sujeitos conscientes, capazes de ler criticamente a realidade e agir para transformá-la.

Além disso, a obra evidencia que a aprendizagem se constrói em tempos e ritmos próprios, respeitando a singularidade de cada sujeito. Tistu não se adapta ao modelo escolar tradicional, mas desenvolve saberes profundos a partir de suas experiências fora da sala de aula. Essa perspectiva questiona práticas educativas padronizadas e convida à reflexão sobre a necessidade de respeitar os diferentes modos de aprender, reconhecendo a diversidade de trajetórias formativas presentes na infância.

A literatura infantojuvenil, nesse contexto, apresenta-se como um potente recurso formativo, capaz de ampliar horizontes pedagógicos e provocar reflexões críticas sobre o

processo educativo. Ao trabalhar com narrativas simbólicas, o educador possibilita à criança o contato com questões complexas da existência humana, como a morte, a injustiça, a solidariedade e o sentido da vida, promovendo aprendizagens que extrapolam os limites do currículo formal.

Por fim, compreender as aprendizagens construídas para além do espaço da sala de aula, a partir da obra *O Menino do Dedo Verde*, implica reconhecer a educação como um processo integral, sensível e transformador. A narrativa de Druon reafirma que aprender é viver, sentir, experimentar e refletir sobre o mundo. Para a formação pedagógica, essa compreensão reforça a necessidade de integrar a literatura ao cotidiano educativo, valorizando-a como espaço privilegiado de formação humana, ética e social.

Conclusões

A análise da obra *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, possibilita compreender a aprendizagem como um processo amplo, contínuo e profundamente humano, que ultrapassa os limites da sala de aula. A trajetória de Tistu evidencia que aprender não se restringe à assimilação de conteúdos escolares, mas envolve experiências, afetos, valores éticos e relações sociais, ressaltando a infância como um período fértil na produção de saberes, muitas vezes desconsiderados pelas estruturas escolares tradicionais.

No âmbito da aprendizagem escolar, a obra problematiza modelos pedagógicos baseados na padronização e na transmissão mecânica de conteúdos. A dificuldade de Tistu em se adaptar à escola não decorre da falta de capacidade ou de interesse, mas da inadequação de práticas pedagógicas que desconsideram sua sensibilidade, sua curiosidade e seu modo singular de aprender. Essa perspectiva dialoga com as críticas de autores como Freire (1996) e Alves (2001), que denunciam práticas educativas que silenciam o desejo de aprender e reduzem o estudante à passividade no processo educativo.

Ao abordar as aprendizagens construídas fora do espaço escolar, Druon amplia a compreensão de educação ao evidenciar que o aprendizado ocorre nas vivências cotidianas, no contato com a natureza, nas relações afetivas e nas reflexões éticas sobre a vida em sociedade. As experiências de Tistu revelam aprendizagens que extrapolam a dimensão cognitiva, alcançando aspectos emocionais, sociais e políticos da formação humana, reafirmando a criança como sujeito ativo e capaz de intervir e transformar a realidade.

Do ponto de vista da Pedagogia, reconhecer aprendizagens para além da sala de aula implica ampliar o olhar sobre o desenvolvimento infantil e sobre o papel do educador, compreendendo que a escola não detém exclusividade sobre os processos educativos. Essa

compreensão contribui para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas, que valorizem os saberes prévios das crianças e promovam uma aprendizagem significativa, contextualizada e humanizadora.

Além disso, ao considerar a criança como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, a obra reforça a importância de práticas pedagógicas que estimulem a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. Nesse contexto, o educador assume o papel de mediador do conhecimento, criando condições para que a criança explore, questione e atribua sentido às suas experiências, tanto dentro quanto fora do espaço escolar.

A literatura infantojuvenil, nesse cenário, assume um papel central ao possibilitar reflexões críticas e sensíveis sobre a realidade, favorecendo o desenvolvimento da imaginação, da empatia e do pensamento reflexivo. Ao trabalhar com narrativas simbólicas, o educador amplia as possibilidades de diálogo com as crianças, promovendo aprendizagens que articulam razão, emoção e ética.

Conclui-se que *O Menino do Dedo Verde* reafirma a aprendizagem como um processo integral, construído em múltiplos espaços e tempos, e reforça a necessidade de uma educação que valorize a infância, as experiências extraescolares e a formação humana em sua totalidade. Dessa forma, a literatura infantojuvenil consolida-se como um campo essencial para a construção de uma pedagogia mais humana, dialógica e emancipadora.

Referências

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.